

# *O mestre carpinteiro Pedro Antunes de Araújo e a edificação de um teatro efémero em Guimarães (1787)*

António José de OLIVEIRA<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

*Neste artigo apresentamos um contrato de obra de carpintaria, no qual Joaquim Ferreira Veras, da cidade do Porto, contrata com o mestre carpinteiro Pedro Antunes de Araújo morador nos arrabaldes de Guimarães, a construção de um teatro efémero para a representação de comédias na rua dos Trigais, em Guimarães.*

## **ABSTRACT:**

*In this article, we present a carpentry labour agreement in which Joaquim Ferreira Veras, from the town of Oporto agrees with master of carpentry Pedro Antunes de Araújo, from the suburbs of Guimarães, the construction of an ephemeral theatre to the performance of comedies in "Rua dos Trigais", in Guimarães.*

## **1. Introdução**

Distante vai já a época que, Alberto Vieira Braga difundia uma nova matéria de estudo para a história local vimaranense: o Teatro. Relembramos o seu trabalho publicado em 1936 e 1937, em dois números da Revista de Guimarães, que tinha como tema "Teatro vimaranense"<sup>2</sup>. Trabalho pioneiro associado a uma pesquisa arquivística e

---

<sup>1</sup> Membro da direção da Muralha – Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Mestre em História e Cultura Medievais. Doutorando em História de Arte na Faculdade de Letras / Porto. Investigador do Cepese - Centro de Estudos da População Economia e Sociedade

<sup>2</sup> BRAGA, Alberto Vieira – "Curiosidades de Guimarães V. Teatro", in *Revista de Guimarães*, vol. 46, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1936, pp. 231-252; *idem* – "Curiosidades de Guimarães V. Teatro", in *Revista de Guimarães*, vol. 47, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1937, pp. 30-74.

bibliográfica e a análise profunda, fizeram desse artigo um marco indispensável para as gerações seguintes de estudiosos.

Em 1988, Joaquim Jaime Ferreira-Alves lançava uma nova temática para a história de arte portuguesa: a Festa e o Efêmero<sup>3</sup>. Mais tarde, duas teses de doutoramento alargavam a visão sobre o tema<sup>4</sup>.

No efêmero quase forçado a desaparecer ao acontecimento, se diminutos são os testemunhos que chegaram até hoje para Guimarães, além de relatos narrados pela escrita de um observador<sup>5</sup>, mais raros ainda, são os casos que resistiram ao tempo, de contratos de obra. A função primária da arte efêmera não era a estabilidade e a durabilidade, características próprias de outras expressões artísticas, mas a sua perenidade.

É neste contexto, associado à ausência de infra-estruturas para a concretização de representações teatrais na vila de Guimarães, que obrigaram a um dos seus promotores a mandar erguê-las. É na necessidade de colmatar a falta de espaços para a representação de comédias em Guimarães que devemos integrar o documento que hoje aqui apresentamos<sup>6</sup>.

## 2. Pedro Antunes de Araújo e a construção do teatro efêmero

A 15 de Maio de 1787, Joaquim Ferreira Veras, da cidade do Porto, encomendaria ao mestre carpinteiro Pedro Antunes de Araújo morador na rua da Madroa, arrabaldes de Guimarães, uma obra efêmera: “*huma caza toda de madeira*”<sup>7</sup>, a construir na rua dos

---

<sup>3</sup> ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – “A Festa Barroca no Porto ao serviço da Família Real na segunda metade do século XVIII”, in *Revista de História*, vol. 5, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1988, pp. 9-67.

<sup>4</sup> TEDIM, José Manuel Alves – *A Festa régia no tempo de D. João V*, tese de doutoramento apresentada na Universidade Portucalense, Porto, Universidade Portucalense, 1999 (texto policopiado); MILHEIRO, Maria Manuela de Campos - Braga. *A Cidade e a Festa no Século XVIII*, Guimarães, Núcleo de Estudos de População e Sociedade/ Instituto de Ciências Sociais/ Universidade do Minho, 2003. Estes artigos são referidos por ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – “A entrada do Marquês de Fontes na Corte de Roma em 1716: o programa do arquitecto Carlos Gimac”, in *Polígrafia*, vols.11/12, Arouca, Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2004/2005, p.35.

<sup>5</sup> Veja-se por exemplo: CAMÕES, Tadeu Luís António Lopes de Carvalho Fonseca e – *Guimarães Agradecido, aplauso metrico que a celebre academia da muito notavel villa de Guimaraens recitou na presença, e em louvor do Serenissimo Senhor D.Jozé Arcebispo, e Senhor Primaz das Hespanhas, com uma breve narração da Entrada, e Progressos daquelle Principe na mesma villa*, 2 vols, Coimbra, 1747-1749.

<sup>6</sup> Segundo a classificação proposta por Joaquim J. Ferreira-Alves, esta estrutura momentânea enquadra-se no que designa de “efêmero utilitário” (cit. de ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – “Formas de arte efêmera no duplo consórcio Bragança-Bourbon em 1785”, in *Revista Ciências e Técnicas do Património*, vol. 3, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 2003, pp. 105-106).

<sup>7</sup> No momento da celebração da escritura de obrigação para a obra referida, entre o mestre carpinteiro e Joaquim Ferreira Veras, foram testemunhas presentes: Luís António de Meneses, da rua de Santa Maria e José Francisco Pereira da Silva Alto, da rua Nova das Oliveiras, ambos residentes em Guimarães. “*Obrigaçao de obra de Pedro Antunes de Araujo mestre carpinteiro morador na rua da Madroa a Joaquim Ferreira da cidade do Porto*”, A.M.A.P. = Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães), nota do tabelião Luís António de Abreu, N-1213, fls.185v-186. Documento transcrito na totalidade no apêndice documental. Anteriormente publicamos na íntegra este contrato de obra (OLIVEIRA, António José de - “A construção de um teatro efêmero em Guimarães (1787)”, in *Veduta: Revista de Estudos em Património Cultural*, nº 2, Guimarães, Oficina, 2008, pp. 5-7). Manuscrito referido em primeira mão por BRAGA, Alberto Vieira - *Curiosidades de Guimarães. V. Teatro*, in *Revista de Guimarães*, vol. 47, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1937, pp. 60-61.

Trigais<sup>8</sup>, para se representarem comédias. Assim, após a autorização do magistrado de Guimarães, a obra foi arrematada pelo mestre carpinteiro, pela quantia de 140\$000 réis, dos quais seriam pagos 19\$200 réis logo no acto da escritura, sendo o demais dividido em dois pagamentos. O primeiro pagamento seria concretizado quando a empreitada estivesse a meio do seu termo, e o restante um mês após a primeira representação teatral. Para além da quantia estipulada, o encomendador obrigava-se a concorrer para o estaleiro com dois oficiais.

A empreitada executada pelos riscos feitos para o efeito<sup>9</sup>, deveria estar concluída com a maior brevidade possível. De acordo com os apontamentos, a obra constaria de “dois andares de camarotes, e cinco na frente, da mesma caza”, com três portas na fronteira<sup>10</sup>. Dessas portas, uma delas serviria para o acesso da plateia e as restantes para a servidão dos camarotes. O mestre carpinteiro comprometia-se a executar os bancos e cadeiras que se pudessem acomodar dentro da plateia. Sobre a decoração desta estrutura nada sabemos.

Segundo a escritura notarial, após a representação da primeira comédia, esta construção de madeira teria uma durabilidade de apenas dois meses e meio. Sendo uma manifestação cénica que captava a atenção do público, além de propiciar divertimento, catarse e reflexão, seria normal repetirem-se as representações teatrais para além do número e do espaço temporal estipulado no programa. Deste modo, o encomendador e o executante acordam, que findo este prazo, querendo Joaquim Veras que se continuasse a representação de comédias, este pagaria mensalmente 5 moedas de ouro ao mestre carpinteiro. Tratando-se de uma edificação de madeira, que serviria apenas os propósitos da representação de comédias, e atendendo às condições climatéricas de Guimarães – com elevado teor de humidade e pluviosidade –, o prolongamento da sua existência durante o Outono e Inverno acarretaria certamente, um maior cuidado na sua manutenção por parte do carpinteiro.

Um dado a reter, é o facto deste contrato de obra ter sido firmado na estalagem do “Pintos”, sita na rua dos Trigais. Deste modo, podemos colocar a hipótese que nessa data, Joaquim Ferreira Veras, representante da companhia teatral portuense, estaria alojado nessa hospedaria.

### 3. Breve nota sobre o artista

Além dos organizadores e intervenientes na construção da arte do efémero, são os artistas e artífices que contribuem para a sua materialização. A rapidez com que têm de executar as empreitadas é uma necessidade na construção do espectáculo efémero. No caso concreto, que aqui apresentamos conseguimos extrair do anonimato um desses mestres carpinteiros vimaranenses o que permite, pois, entender a importância que a arquitectura em madeira, nesse período alcançou, na construção do espectáculo barroco.

---

<sup>8</sup> Actual Avenida Alberto Sampaio (cf. A Planta do século XVII - desenho de Mário Cardoso, reproduzida em CARDOSO, Mário – “Evocação”, in *Revista de Guimarães*, vol. 32, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, 1922, pp.420- 421).

<sup>9</sup> No momento da celebração desta escritura, os dois riscos foram assinados pelo tabelião, e pelas duas partes intervenientes.

<sup>10</sup> No contrato é feita a menção a umas escadas.

A obra deste mestre vimaranense Pedro Antunes de Araújo tem passado despercebida aos investigadores, pelo que pouco podemos esboçar sobre o seu percurso artístico. Sabemo-lo apenas, activo em 1775, na igreja da Misericórdia de Guimarães. Por dois contratos de obra firmados na Casa do Despacho da Misericórdia de Guimarães, compromete-se a executar toda a obra de carpintaria da igreja da Misericórdia, bem como a feitura dos taburnos das sepulturas do referido templo.

No primeiro contrato lavrado a 9 de Julho de 1775<sup>11</sup>, o artista arremata toda a obra de carpintaria da igreja da Misericórdia “*exceto a tampa das sepulturas*”, na forma dos apontamentos, risco e planta que foram assinados por João Ribeiro, escrivão da Misericórdia e pelo mestre carpinteiro. A obra tinha um prazo de execução de seis meses “*que correrão assim que se acabar de fazer a obra de pedraria*”. O mestre arrematou esta empreitada por 390\$000 réis “*sendo por conta desta Santa Caza a ferrage e pregos menos a da escada e capitel do arco*”. O encomendador obrigava-se a fazer o pagamento em três prestações iguais: o primeiro na feitura deste contrato<sup>12</sup>; o segundo no meio da obra; e o restante depois da obra acabada, vista e revista “*pera ver se esta a contento da meza na forma dos mesmos apontamentos risco e planta*”. Para maior segurança do encomendador, o executante apresentava como seus fiadores: João Fernandes, homem de negócio, morador na rua Caldeiroa (Guimarães); e António José Gomes, homem de negócio, residente no rocio do Tournal, da vila de Guimarães.

No contrato seguinte firmado a 24 de Setembro de 1775<sup>13</sup>, Pedro Araújo compromete-se a executar os taburnos das sepulturas da igreja da Misericórdia em boa madeira grossa e seca. No contrato é especificado que “*as tampas de pão das sepulturas da igreja desta Santa Caza*” seriam feitas na forma das que estão na igreja do convento de São Francisco de Guimarães. Não temos menção ao preço exacto desta empreitada, pois a obra foi tratada à peça (sepultura), como podemos verificar neste extracto da escritura notarial: “*por preço cada huma das grandes mil e duzentos reis e as piquenas que o fará a metade das grandes a oitocentos reis que elle mestre carpenteiro pellos ditos preços asima se obrigou a fazer e executar de boas madeiras e serão bem feitas e logo a faz elas e as entallas assim que estiverem asentados os caixilbos de pedra (...)*”.

No momento da assinatura deste contrato, o mestre carpinteiro recebeu 33\$600 réis. A restante verba seria paga no meio e no fim da obra, depois de revista pela mesa da Misericórdia.

---

<sup>11</sup> “*Obrigaçõ a fatura da obra de carpentaria que faz Pedro Antunes*”, A.S.C.M.G = Arquivo Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, Livro de Notas (1775-1799), N-55, fls.19-20. Foram testemunhas presente deste acto notarial: José Madeira Coelho, alfaiate, morador em Guimarães; e Manuel de Sampaio, mestre entalhador, de Landim.

<sup>12</sup> “*(...) e logo pello thizoureiro do cofre foi lançado sobre huma meza o primeiro quartel de cento e trinta mil reis em bom dinbeiro que elle mestre carpinteiro contou e acabou serto e a seu poder levou de que dou fe (...)*”.

<sup>13</sup> “*Obrigaçõ a fatura dos taburnos das sepulturas que faz Pedro Antunes de Araujo carpenteiro*”, A.S.C.M.G, Livro de Notas (1775-1799), N-55, fls.22v-23. Foram testemunhas presentes: Manuel Fernandes Novais, entalhador, da freguesia de São Miguel das Aves e Manuel José de Sousa, servo da Misericórdia.

#### 4. Conclusão

Com este acrescento efêmero, a paisagem urbana da vila de Guimarães que se vislumbrava dos edifícios, renovava-se, abrindo uma das suas ruas aos espectáculos teatrais. Guimarães despertava para as comédias e a rua em cenário desse acontecimento.



Fig. 1 – Antiga rua dos Trigais (C.M.G., 2001)

A importância desta obra efêmera edificada, bem demonstrativa do gosto da época, a escolha para a sua execução de um artista importante a trabalhar na vila na altura, constituem duas achegas para o estudo da arte vimaranense do século XVIII<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> O autor não pode deixar de manifestar o seu reconhecimento por todos quantos possibilitaram, pelo espírito de colaboração revelado que este trabalho fosse possível. À Dr.<sup>a</sup> Teresa Malheiro, directora do Arquivo

## 5. APÊNDICE DOCUMENTAL<sup>15</sup>

1787, Maio, 15 – Guimarães.

Joaquim Ferreira Veras, da cidade do Porto, contrata com o mestre carpinteiro Pedro Antunes de Araújo morador na rua da Madroa (arrabaldes de Guimarães) a construção de um teatro efêmero para a representação de comédias.

A.M.A.P., nota do tabelião Luís António de Abreu, N-1213, fls.185v-186.

*“Obrigação de obra de Pedro Antunes de Araujo desta villa a Joaquim Ferreira da cidade do Porto.*

Em nome de Deos Amen. Saibam quantos este publico instrumento de obrigação de obra ou como em direito melhor logar haja virem como no anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil setecentos oitenta e sete annnos aos quinze dias do mez de Maio nesta villa de Guimaraens, e na rua dos Trigais della, na estalaje samada do Pintos honde eu tabeliam vim, e ahi achei partes presentes, outurgantes, e aceitantes a saber de huma Joaquim Ferreira de Veras da cidade do Porto, e da outra parte estava, Pedro Antunes de Araujo mestre carpinteiro, e murador na rua da Madroa arabaldes desta villa, ambos reconhecidos de mim tabeliam de que dou fee, e logo na minha presença e das testemunhas ao diante numiadas e assignadas por elle Joaquim Ferreira de Veras foi dito que elle com licença do Magistrado desta villa, tinha detreminado mandar fazer huma caza toda de madeira nesta rua para nella se representarem comedias, na forma de dois riscos, que ficam, assignados por mim tabeliam, e por elles partes, cuja obra a habia tumado elle Pedro Antonio de Araujo, a elle Joaquim Ferreira de Veras cuja caza tera, dois andares de camarotes, e sinco na frente da mesma caza, com tres portas na fronteira, huma para a servidam da platea, e duas para a servidam dos camarotes, com os bancos, e cadeiras que se puder fazer dentro da mesma platea, acumudando se tudo de forma que senão cortem aos cumprimentos das madeiras, so sim as que forem percizas pera as escadas tudo na forma dos sobreditos risco e esta (sic) digo riscos que ficam em poder delle mestre carpinteiro, o qual desde logo continuará com a referida obra com toda a brevidade posivel para cuja obra elle Joaquim Ferreira de Veras, enquanto a mesma durar, lhe dara dois officiais sem que // (fl.186) sem que elle mestre pedreiro (sic) digo mestre carpinteiro lhe dé corera a alguma isto em preso e quantia de cento e quarenta mil reis paga esta quantia asim que a obra estiver (sic) digo esta quantia em dois pagamentos hum no meio da factura da obra, e o ultimo, no fim do primeiro, mes, o qual terá principio no dia em que se representar a primeira comedia, cuja caza existira em ser dois mezes e meio, do dia em que se representar a primeira

---

Municipal Alfredo Pimenta, as facilidades concedidas na recolha e transcrição dos variados elementos e a todos os funcionários da mesma instituição, pela simpatia com que sempre nos acolheram. Á Senhora Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães Prof<sup>a</sup> Doutora Noémia Maria Ribeiro Almeida Carneiro Pacheco, pelo precioso tempo que lhe tomamos na consulta do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

<sup>15</sup> Os critérios usados na transcrição do documento em apêndice foram os seguintes: desdobramento de abreviaturas sem assinalar as palavras reconstituídas; separação de palavras unidas indevidamente; atualização do uso das maiúsculas e minúsculas; manutenção da pontuação original; indicação do final de cada página do original, usando-se o sinal // .

comedia, findos os quais querendo elle Joaquim Ferreira de Veras, que se continue na representaçam das cumedias, este de alugar pagará ao mestre carpinteiro<sup>16</sup> por cada hum mez, cinco muedas de ouro. E logo por elle mestre carpinteiro<sup>17</sup> foi dito que asim aceita esta obrigaçam na forma dita a conta do qual preso, elle Joaquim Ferreira de Veras lhe fez entrega a elle mestre pedreiro (sic) da quantia de dezanove mil e duzentos reis, que elle cuntou e mandou cuntar, e pella achar certa a seu poder a levou, de que lhe dava sua paga raza desta quantia resebida em conta do preso principal por que elle aceitou esta obra. E asim o diceram, quizeram outurgaram e aceitaram de parte a parte, e em testemunho de verdade nesta nota requereram o prezente instrumento donde pediram e concederão os nesesarios que deste tior cumpririam, o que tudo eu tabeliam lhe estupuleu a vista e em nome de quem aceitavam mais toque abzente sendo testemunhas presentes Luis Antonio de Menezes da rua de Santa Maria desta villa, e Joze Francisco Pereira da Silva Alto da rua Nova das Oliveiras desta mesma villa, que aqui assignaram com elles partes ao dipois de lido isto a todos por mim Luis Antonio de Abreu tabeliam o escrevi e declaro dou fee delle mestre carpinteiro levar asi a referida quantia de desanove mil e duzentos reis, testemunhas as mesmas sobredito o escrevi dis a emmenda supra carpinteiro. Sobredito o fiz ao ler desta.

(Assinado:) PEDRO ANTUNES DE ARAUJO

(Assinado:) LUIS ANTONIO DE ABREU

(Assinado:) JOAQUIM FERREIRA DE VERAZ

(Assinado:) LUIS ANTONIO DE MENEZES

(Assinado:) JOZE FRANCISCO PEREIRA DA SILVA ALTO

The image shows four handwritten signatures in cursive script. From left to right, they correspond to the names listed in the text above: Pedro Antunes de Araujo, Joaquim Ferreira de Veraz, Luis Antonio de Menezes, and Joze Francisco Pereira da Silva Alto. The signatures are written in dark ink on a light background.

Fig.2 – Assinaturas das partes intervenientes no contrato (A.M.A.P., N-1213, fls.185v-186)

## 6. FONTES MANUSCRITAS E BIBLIOGRAFIA

### Fontes manuscritas:

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (A.M.A.P.)

A.M.A.P., nota do tabelião António de Abreu, N-1213, fls.185v-186.

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães (A.S.C.M.G)

Livro de Notas (1775-1799), N-55, fls.19-20.

Livro de Notas (1775-1799), N-55, fls.22v-23.

<sup>16</sup> A palavra “carpinteiro” foi acrescentada.

<sup>17</sup> A palavra “carpinteiro” foi acrescentada.

**Bibliografia:**

ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – “A Festa Barroca no Porto ao serviço da Família Real na segunda metade do século XVIII”, in *Revista de História*, vol. 5, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1988, pp. 9-67.

ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – “Formas de arte efémera no duplo consórcio Bragança-Bourbon em 1785”, in *Revista Ciências e Técnicas do Património*, vol. 3, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 2003, pp. 95-108.

BRAGA, Alberto Vieira – “Curiosidades de Guimarães V. Teatro”, in *Revista de Guimarães*, vol. 46, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1936, pp. 231-252.

BRAGA, Alberto Vieira – “Curiosidades de Guimarães V. Teatro”, in *Revista de Guimarães*, vol. 47, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1937, pp. 30-74.

CAMÕES, Tadeu Luís António Lopes de Carvalho Fonseca e – *Guimarães Agradecido, aplauso metrico que a celebre academia da muito notavel villa de Guimaraens recitou na presença, e em louvor do Serenissimo Senhor D. Jozé Arcebispo, e Senhor Primaz das Hespanhas, com uma breve narração da Entrada, e Progressos daquelle Principe na mesma villa*, 2 vols, Coimbra, 1747-1749.

CARDOSO, Mário – “Evocação”, in *Revista de Guimarães*, vol. 32, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1922, pp. 415-421.

MILHEIRO, Maria Manuela de Campos – Braga. *A Cidade e a Festa no Século XVIII*, Guimarães, Núcleo de Estudos de População e Sociedade/ Instituto de Ciências Sociais/ Universidade do Minho, 2003.

OLIVEIRA, António José de – “A construção de um teatro efémero em Guimarães (1787)”, in *Veduta: Revista de Estudos em Património Cultural*, nº 2, Guimarães, Oficina, 2008, pp. 5-7.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – “A entrada do Marquês de Fontes na Corte de Roma em 1716: o programa do arquitecto Carlos Gimac”, in *Poligrafia*, vols.11/12, Arouca, Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2004/2005, p.35-70.

TEDIM, José Manuel Alves – *A Festa régia no tempo de D. João V*, tese de doutoramento apresentada na Universidade Portucalense, Porto, Universidade Portucalense, 1999 (texto policopiado).